

24.8.48
25/8/48

COQUEIROS EM PARIS

Rubem Braga

A exposição de Cícero Dias , feita na Faculdade de Direito do Recife , foi de 134 quadros . É muita pena que Rio e S. Paulo não possam ver essa grande mostra de vinte e tantos anos de trabalho de uma das figuras mais interessantes da pintura brasileira . Honra aos estudantes e aos professores da Faculdade que , desprezando críticas tolas , apoiaram o artista . Honra especialmente àqueles que , embora declarando não compreender ou não sentir sua obra , fizeram questão de admiti-la e levá-la ao público .

Vimos , para fazer uma divisão um tanto grosseira , três fases na pintura de Cícero . A primeira nem bem é pintura: são mais desenhos coloridos , com motivos líricos regionais e ~~uma~~ um surrealismo ingenuo . Feitos pelas alturas de 1925 até 1929 , foram êles que deram projeção ao artista , perfeitamente enquadrado na corrente dos que afirmavam , dentro do modernismo , o gosto brasileiro .

Essas composições são a mesma coisa daqueles poeminhos da época "tão Brasil" . Alguns são , como esses poeminhos , completamente sem importância (ou só com importancia histórica) outros são de grande felicidade . As vezes desgostam pelo que têm de desleixado , facil e intencional , às vezes encantam por uma ou outra qualidade plástica repontando , mas principalmente pela força do lirismo , pela pura poesia .

Depois vem ~~uma~~ fase que confesso ~~nã~~ que não conhecia . É pela volta de 1930 e 1932 que o Cícero se põe a trabalhar sua pintura . Ainda com os motivos líricos ou pitorescos , agora entretanto mais apurados , ele faz oleos escuros de interiores , como a bellissima "Família de luto" , aquelas duas negras com um homenzinho de bengala e um espantoso lustre , ou o retrato de um jovem violinista . É a completação da fase interior , sua realização plástica .

Mas o artista ~~continua~~ continua . Deixa a anedota (diverte-se apenas brincando com os nomes dos quadros) e vai no caminho do abstracionismo . Vai mas quasi nunca chega . Um crítico francês é capaz de ver abstrato esse quadrilatero ou essa curva , mas nós estamos sabendo que Cícero arranca folhas de bananeiras , atravessa um coqueiro , tira

uma castanha de cajú e acena para as velas do mar .

Essas composições não são sintéticas , mas extraídas do vegetal, da saudade , das amáveis formas naturais e da ampla luz pernambucana . Não hesito em dizer que não gosto de muita coisa mas é impossível , para dar somente um exemplo , não ver a belíssima realização plástica de "O diamante na boca" , que por sinal um rico de bom gosto comprou no Recife. Os coqueiros de Itamaracá farfalham dentro do atelier de Paris , e há uma leve sica de cajú no seu absinto . O homem que jogava com sentimentos líricos passa a brincar só com os valores plásticos , mas o sentimento o persegue e às vezes o subjuga .

Houve , assim , uma evolução muito legítima , em que o artista foi mudando sem se traír . E esses 134 quadros , que são apenas uma pequena parte da obra numerosíssima de Cícero , formam uma exposição cuja riqueza confesso que me espantou . O pitoresco do homem e a sua exaltação feita pelos amigos de Pernambuco pode fazer muita gente no Sul manter uma secreta desconfiança pelo artista . Confesso que a tive , quando conhecia apenas alguns quadros , e não dos melhores , da primeira fase . Mas depois vi os desenhos da "Ilha dos Amores" e alguma coisa amontoadas em seu atelier em Paris . É , repito , uma grande pena ninguém dar um jeito para essa exposição toda vir ao Rio e S. Paulo ; estou certo de que então Cícero deixaria de ser essa espécie de figura de lenda cheia de graça e leviandade que ainda é , para ocupar de fato seu lugar entre os melhores valores de nossa pintura - um artista *xx* numeroso , rico , pessoal e sério .

.X.X.X.X.X.X.